

FHC convoca ingleses a participar da privatização

Falando na Confederação da Indústria Britânica, o presidente foi mais convincente quando deixou de lado o discurso

Maria Clara R. M. do Prado
de Londres

J.F. Woolridge nunca havia visto o presidente Fernando Henrique Cardoso. Muito menos pessoalmente. Conhece praticamente nada de Brasil. Mas ficou ontem impressionado com o tamanho do país e com um detalhe que pode fazer a diferença na sua decisão de investimento: "O que mais me sensibilizou foram os imprevistos na fala do presidente porque normalmente as pessoas dizem coisas ensaiadas que soam artificiais, quando saem fora dos textos dos discursos, mas neste caso me pareceu que ele estava sendo autêntico e verdadeiro, havia sinceridade naquilo que ele dizia", comentou Woolridge para este jornal.

Ele é um dos vários empresários britânicos reunidos ontem em um seminário sobre Brasil pela CBI - Confederação da Indústria Britânica - em Londres, aberto pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso e que contou ainda com as participações do presidente do banco central, Gustavo Franco, e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Luiz Carlos Mendonça de Barros, além do presidente do conselho do Hong-Kong and Shanghai Banking (HSBC), Sir William Purves.

Woolridge é presidente e diretor gerente da B.E. Wedge Holdings Ltd, uma empresa com sede em Willenhall, perto de Birmingham, com 900 empregados, que opera como prestadora de serviço na galvanização do aço, tratamento contra a corrosão. "Nós atuamos na Grã-Bretanha e em países da Europa Continental mas achamos que a região européia vai passar ainda por muitos anos de baixo crescimento econômico (é um dos que consideram o euro um projeto que vai atrapalhar mais do que ajudar a economia da região) e por isso estamos pensando em investir na América-Latina e na Ásia", disse ele.

É possível que ele jamais venha a pisar no Brasil mas os imprevistos do presidente Fernando Henrique certamente ficarão guardados em sua memória como uma marca de honestidade e de sinceridade associada ao Brasil. Para um primeiro contato, talvez seja o principal. Raros são na verdade os casos em que o imprevisto sai melhor do que o texto escrito, mesmo quando ditos em língua estrangeira. Esse é um dom do presidente que impressiona a todos. "Ele foi brilhante", comentou para este jornal Stephen Rose, da corretora que leva o seu nome mas que pertence hoje ao Unibanco.

Rose, ao contrário de Woolridge, tem conhecimento sobre o Brasil e pôde ter ontem reafirmado sua convicção de que o país caminha na direção correta depois de ouvir as palavras do presidente, que falou três vezes de imprevisto (uma delas quando enfatizou a importância da educação para seu governo e outra quando mencionou as áreas que estão se abrindo para o investimento estrangeiro, destacando principalmente as telecomunicações e o setor de petróleo, que tão de perto interessa aos britânicos) mas seu terceiro imprevisto foi o melhor de todos, aliás foi a melhor parte de seu discurso.

Ao se referir às das negociações que envolvem a ALCA (Associação para o Livre Comércio das Américas), o presidente foi direto ao ponto: "Não basta apenas discutir tarifas, um país não é só mercado, é povo também, é necessário adicionar algum elemento de solidariedade (nas discussões), não se pode reorganizar a área do comércio sem um sentido político e social", disse ele, reafirmando que a Europa é

central para o Brasil, depois de lembrar que a Grã-Bretanha irá, entre janeiro e fins de junho de 1998, presidir a União Européia (UE) e, como tal, espera poder contar com o apoio dos britânicos para maior aceleração dos entendimentos que vão definir os termos do acordo comercial entre o Mercosul e a UE. O presidente do Brasil, a rigor, pediu aos britânicos o mesmo apoio que já tinha pedido ao presidente da França, Jacques Chirac.



Fernando Henrique Cardoso

Mesmo sabendo que os britânicos são, na Europa, os que mais se batem contra a política agrícola européia (um dos principais pontos de atrito entre o Mercosul e a UE), uma fonte do Ministério das Relações Exteriores da Grã-Bretanha indicou para este jornal que não vê muitas possibilidades de avanços nas discussões entre os dois blocos nos próximos seis meses "porque ainda há muitos aspectos para serem definidos primeiro a nível de UE, antes dos temas serem alvo de um entendimento mais avançado com o Mercosul".

O presidente Fernando Henrique também lembrou que a participação dos investimentos britânicos no programa de privatização brasileiro tem sido muito modesta e que gostaria de vê-la crescer. Realmente, um gráfico apresentado em telão pelo Presidente do BNDES, Luiz Carlos Mendonça de Barros, deu uma idéia da defasagem: por origem de capital, os Estados Unidos estão disparados em primeiro lugar, com uma presença de 17,66% no total dos investimentos estrangeiros dentro do processo de privatização até aqui. São seguidos pelos espanhóis (leia-se basicamente Banco Santander), com 4,07%; pelo Chile, com 2,18%;

da França, com 1,35% (leia-se Light), de Portugal, com 0,50%; do Canada, com 0,41%; da Itália, com 0,28%; da Alemanha com 0,21% e de "outros", com 1,42%. "A Grã-Bretanha está no outros", brincou Mendonça de Barros na sua apresentação.

Também é preocupação do presidente Fernando Henrique Cardoso o quadro do movimento de capitais internacionais cuja volatilidade acaba colocando em risco o desempenho de economias nas mais diversas partes do mundo. Ele quer que os governos e instituições se entendam em torno de práticas que levem o sistema bancário a precaver-se contra as crises. Este foi um dos aspectos centrais da apresentação do presidente do Banco Central, ao alertar para o perigo da falta de controle que existe nas chamados "paraísos fiscais", onde boa parte do dinheiro dos investidores se abriga contabilmente como forma de bancos e fundos poderem usufruir do máximo de rendimento, com baixa tributação.

Gustavo Franco considera que, a despeito de toda a desvalorização cambial ocorrida na Ásia, as ações de empresas brasileiras ainda são ativos mais baratos em comparação com os asiáticos, tal era o nível da sobrevalorização que se acumulou naquela região não apenas no mercado acionário mas também no setor de imóveis.

A crise assustou alguns e pode demorar até que toda a confiança nos chamados mercados "emergentes" seja restaurada mas nem todos pensam assim. É o caso, por exemplo, do Hambro Group Investments, ligado ao banco Hambro da Grã-Bretanha.

"Estamos montando um fundo de ações no Brasil em associação com o Banco Fonte Cindam, esta é a primeira vez que decidimos montar um fundo em um país da América-Latina", contou ontem para este jornal Ralph Harrison, responsável pelo Hambro Private Equity Group. Ele adiantou que a intenção é formar com ações de

empresas brasileiras - principalmente de setores com perspectiva de crescimento de demanda, como a área de lazer e de saúde, além de empresas fornecedores de bens e serviços para empresas que tenham sido privatizadas - um fundo de máximo US\$ 400 milhões.

Harrison diz que o perigo está na percepção dos investidores, mas não teme a crise da Ásia: "O perfil de nossos investidores (basicamente fundos de pensão e

outros institucionais) é de longo prazo, de sete, oito ou dez anos, e durante esse prazo há sempre momentos melhores e momentos piores, isso não deveria ser uma preocupação", disse. Harrison está indo ao Brasil na semana que vem, passando assim a incorporar o país a uma rota que já abrange, além da Grã-Bretanha e outros países da Europa, os Estados Unidos, a Austrália, a África do Sul e Israel.